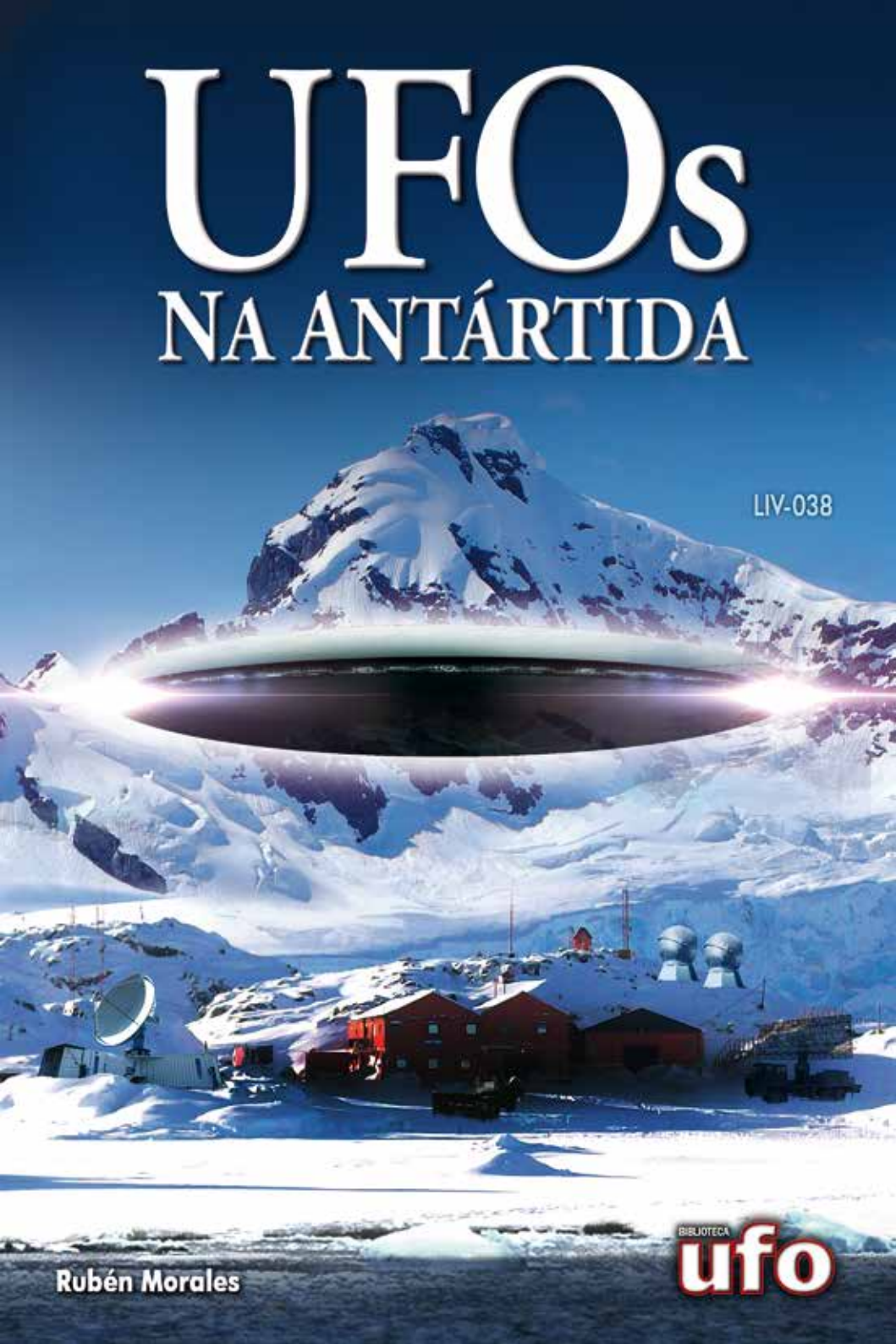
UFOs NA ANTÁRTIDA



LIV-038

Rubén Morales

BIBLIOTECA ufo

Ficha técnica da obra:

Editor: A. J. Gevaerd

Gerente: Marinez Nishimoto

Tradução: Ilda Silvério

Revisão: Sonia Kronemberger e Alessandra Angelo

Ilustração de capa: Rafael Amorim

Imagens: Rubén Morales e Arquivo UFO

Artefinal: A. J. Gevaerd

Centro Brasileiro
de Pesquisas de
Discos Voadores

Caixa Postal 2182 — Campo Grande (MS) — 79008-970
Fone: (67) 3341-8231 — **Fax:** (67) 3341-0245
Site: www.ufo.com.br — **E-mail:** revista@ufo.com.br

© **Coleção Biblioteca UFO 2016**

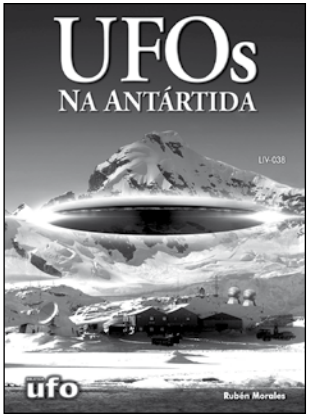
Nenhuma parte desta obra, incluindo suas artes e fotos, poderá ser reproduzida ou transmitida através de quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, digitais ou outros que venham ainda a ser criados, sem a permissão expressa e conjunta do autor e do editor.

UFOs NA ANTÁRTIDA

Rubén Morales

BIBLIOTECA ufo

O que é a Biblioteca UFO



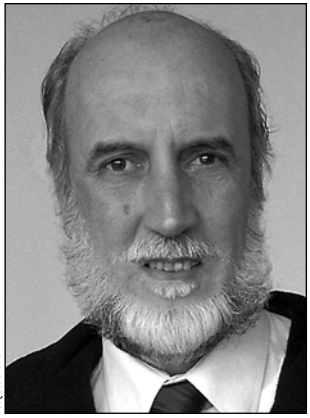
RAFAEL AMORIM

Biblioteca UFO é uma série de livros já consagrada pela Ufologia Brasileira. Foi lançada pela Revista UFO em 1998 com o objetivo de reunir textos de qualidade, atuais e consistentes sobre a presença alienígena na Terra, produzidos por autores ativos e que realmente ajudaram a construir a história atual da Ufologia. A Biblioteca pretende abastecer os estudiosos e entusiastas do assunto com obras ricas em informação de qualidade sobre nossos visitantes extraterrestres. O critério de seleção de autores leva em consideração o significado, a utilidade e a repercussão de seu trabalho. Assim como são escolhidos temas que ofereçam verdadeira contribuição ao entendimento da questão ufológica em todas as suas vertentes.

Ao serem consideradas novas obras para comporem este acervo, observa-se também um critério muito presente no Fenômeno UFO, ou seja, sua manifestação em múltiplos níveis físicos e não físicos. Para tanto, um estudo de tão complexo cenário deve ter em conta a transdiciplinariedade como ferramenta de trabalho, ou seja, um conceito que mescle diferentes formas de pensamento e inter-relacione várias disciplinas, estimulando novas maneiras de se compreender e assimilar a realidade dos fatos por meio da articulação dos elementos que os compõem, sob todos os seus ângulos.

Assim, refletindo o esforço da Revista UFO há 34 anos, a Biblioteca UFO busca encontrar aonde quer que estejam as respostas para a questão que envolve a ação na Terra de outras espécies cósmicas e suas consequências para o presente e o futuro da humanidade, respeitando a pluralidade do tema e entendendo que apenas uma abordagem adogmática, profunda, responsável e pluralista poderá oferecer entendimento a seu respeito e, quem sabe, também as respostas para o enigma do milênio.

Quem é Rubén Morales



ARQUIVO CIU

Rubén Morales nasceu em Buenos Aires em 1958. É psicólogo social e professor de Comunicação Política na Universidad del Salvador de Buenos Aires (USAL), onde também cursou um mestrado em Marketing Político. Tem grande experiência profissional em publicidade política e campanhas eleitorais.

O autor é uma referência na Ufologia Argentina. Na década de 70 pertenceu à *Comisión de Investigaciones Ufológicas (CIU)*, um grupo civil de orientação científica que editava a revista *Ufopress*. De 2010 até hoje, criou e coordena as reuniões mensais do Café Ufológico RIO54, em Buenos Aires, com seu colega Mario Lupo. Atividade que deu origem à realização de encontros similares em outras cidades que integram a Rede Argentina de Cafés Ufológicos, onde se realizam debates e exposições informais do Fenômeno UFO.

Morales também é integrante do conselho consultor da *Académie de Ufologie*, com sede na França, e escreveu diversas notas sobre temas antárticos, sendo merecedor em duas oportunidades do prêmio Almirante Irizar, que se atribui aos melhores artigos sobre os casos no Continente Branco publicados no histórico *Boletín del Centro Naval de Buenos Aires*.

O autor também publicou artigos no *Boletín de la Asociación Polar Pingüinera*, no site da *Fundación Marambio* e na revista do *British Antarctic Survey Club*. Morales escreveu o prólogo do livro *Fenómeno OVNI, Reflexiones, Investigaciones y Estudios,* do capitão de fragata Daniel Perissé, o oficial da Marinha Argentina que foi testemunha e investigador principal das observações de UFOs na Ilha Decepción durante o ano de 1965.

Seu livro *UFOs na Antártida* constitui a maior compilação de informes e histórias sobre avistamentos de objetos voadores inexplicáveis no Continente Branco, com múltiplos testemunhos de expedicionários antárticos militares e de civis de diversos países. Reúne um conjunto de arquivos oficiais, informes da imprensa e material desclassificado sobre as controversas manifestações de UFOs no extremo sul. Uma investigação jamais antes realizada, que exigiu do autor mais de dez anos de trabalho, sai à luz pela primeira vez neste livro.

Contatos com o autor:

Rubén Morales
rio54ovni@gmail.com

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

Sumário

UFOs
NA ANTÁRTIDA

PRÓLOGO:	**Breves relatos e agradecimentos**	***13***
INTRODUÇÃO:	**7 de julho de 1965: Já estão aqui e é oficial**	***19***
CAPÍTULO 01:	**UFOs, submarinos fantasmas e a Marinha**	***29***
CAPÍTULO 02:	**Antártida, terra de enigmas por natureza**	***57***
CAPÍTULO 03:	**O frio cenário das observações**	***65***
CAPÍTULO 04:	**Estranha luz em Orcadas no inverno de 1961**	***71***
CAPÍTULO 05:	**Avistamentos relatados por Daniel Perissé**	***77***
CAPÍTULO 06:	**Afinal, o que se viu na Base Decepción?**	***109***
CAPÍTULO 07:	**Luzes e alterações magnéticas em Orcadas**	***127***
CAPÍTULO 08:	**Informes oficiais e papéis desclassificados**	***149***
CAPÍTULO 09:	**Dois corpos celestes sobre a base chilena**	***167***
CAPÍTULO 10:	**Os UFOs dos ingleses**	***183***
CAPÍTULO 11:	**Análise técnica dos avistamentos de 1965**	***203***

CAPÍTULO 12: **Quando a Argentina reconheceu os UFOs** ***233***

CAPÍTULO 13: **UFOs da Antártida na Universidade do Colorado** ***269***

CAPÍTULO 14: **UFOs em bases antárticas de todo o mundo** ***281***

CAPÍTULO 15: **Conclusões** ***323***

BIBLIOGRAFIA: **As fontes consultadas** ***329***

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

Prólogo

Breves relatos e agradecimentos

"Pensem que isso que estamos informando pode ser uma contribuição fundamental para o avanço da ciência"

— Comandante **Daniel A. Perissé**
ao pessoal da Base Decepción na sala
de rádio, em 05 de julho de 1965.

Em 1977 o autor deste livro tinha 18 anos e era um soldado recruta, em plena ditadura do general Jorge Rafael Videla. Naquele tempo, a instrução militar baseava-se na hipótese do inimigo interno, os soldados eram treinados para a luta contra grupos de guerrilheiros que tentavam resistir ao regime instalado. Parte desse treinamento ensinava como apalpar armas em um suspeito detido e como revistar seus bolsos à procura de elementos que o incriminassem, tais como cartas, fotos ou recortes de jornal. Não me perguntem porquê, mas os militares tinham a ideia irônica de que quem transportava esse tipo de coisas era certamente um subversivo.

Logo após a instrução em Campo de Mayo, cumpri parte do serviço militar realizando tarefas de escriturário no prédio do Comando do Exército na Rua Azopardo, em frente ao porto de Buenos Aires. Como se sabe, na época do serviço militar obrigatório os *colimbas*, como eram chamados pejorativamente os soldados, eram

usados como mão de obra para múltiplas tarefas. No piso térreo do prédio do Comando, à esquerda do acesso principal internamente denominado Posto 1, havia uma dependência da Polícia Militar e esses uniformizados que tinham pintadas as letras PM nos seus capacetes de aço integravam o corpo do Exército com poder policial para aplicar castigos aos soldados que infringiam as normas.

Em uma das tantas manhãs em que entrava no Posto 1 para desempenhar minhas tarefas, um cabo da PM me perguntou energicamente: *"Soldado, que leva aí?"* Percebi que havia cometido um grave erro: de um dos meus bolsos aparecia um recorte de jornal com uma notícia de UFOs sobre esse grande enigma moderno que me apaixonava. O revistar dos bolsos foi imediato e ato contínuo o cabo tinha em suas mãos vários outros recortes de jornais. Também encontrou a carteira e os documentos. Fiquei muito nervoso e balbuciando lhe disse que eram recortes sobre UFOs porque esse tema me interessava e... Não sabia o que ou como explicar-lhe, mas ele tinha o olhar transfigurado, satisfeito, convencido de que tinha capturado um subversivo mesmo dentro do Comando. Ordenou-me que o acompanhasse até o gabinete da guarda da PM, ordenou também a dois PMs com fuzis que me vigiassem até o seu retorno. Escutei o ruído quando carregaram o projétil na câmara. Minhas pernas tremiam.

Fechou-se a porta. Após uns instantes saiu o cabo e me ordenou que entrasse, ficando atrás de mim. Dentro havia uma escrivaninha onde estavam expostos todos os meus pertences e sentado atrás dela, um alto oficial que começou a me fazer uma série de perguntas, algumas capciosas, outras maliciosas, todas elas mal-intencionadas que me faziam ficar cada vez mais nervoso. O homem parecia não acreditar em nada e insistia em perguntar porque me interessavam os UFOs. Por fim, resolvi argumentar que o assunto era tão sério que a Marinha havia publicado um comunicado oficial acerca dos objetos observados a partir da Base Decepción, na Antártida, observados e informados pelo capitão Daniel Perissé, quem se dedica seriamente a estudar este fenômeno.

Como se eu tivesse pronunciado três palavras mágicas ao dizer *"capitão Daniel Perissé"*, a atitude do interrogador mudou

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

de repente. Imediatamente me devolveu os recortes, a carteira e os crachás e me disse muito seriamente: *"Soldado, vá para seu posto e daqui em diante não fale com ninguém aqui destas coisas"*. Cheguei muito confuso ao andar onde trabalhava, mas obedeci e não comentei uma só palavra sobre o que aconteceu.

Meu interesse pelo desconhecido me acompanhava desde a adolescência, já que em 1973 tinha me associado a um grupo juvenil chamado *Associación Astromodelista Argentina — División Investigaciones de OVNIs (Associação Astromodelista Argentina — Divisão de Investigações de UFOs, AAA)* e meses antes de ingressar ao serviço militar tinha entrado para a *Comisión de Investigaciones Ufológicas (Comissão de Investigações Ufológicas, CIU),* um grupo de entusiastas que procurava abordar o tema UFO a partir de uma perspectiva científica. O licenciado Guillermo Roncoroni, seu fundador e diretor, era um especialista em computação dentre os poucos que havia nos anos 70. Desde a CIU mantínhamos um contato fluido com o capitão Perissé e ao momento do incidente no Posto 1, ainda com meus jovens 18 anos, eu sabia de quem estava falando.

Passou o tempo e os caminhos da vida me levaram a trabalhar em publicidade e me especializar em comunicação política, temas totalmente alheios, dirá o leitor, mas talvez um dos maiores desafios da comunicação política, para um governo, seria informar aos cidadãos que, definitivamente, os UFOs existem e não são deste mundo. Os comunicados da Secretaria da Marinha, entre 06 e 07 de julho de 1965, foram um esboço desse desafio comunicacional, que desencadeou um formidável fenômeno de multiplicação jornalística, com uma enxurrada de repercussões na opinião pública mundial.

No ano 2010 estava terminando um mestrado em Marketing Político na Universidad del Salvador e no trabalho final da disciplina Opinião Pública apresentei uma pormenorizada análise das repercussões na mídia a respeito dos UFOs antárticos, que é a base do capítulo 12 deste livro, demonstrando que a comunicação política e os UFOs não eram temas de estudo incompatíveis.

Quisera através deste livro prestar a minha mais profunda homenagem ao capitão Daniel Perissé, quem nos últimos anos da sua

vida foi o amigo que me relatou em primeira pessoa suas experiências antárticas com os UFOs — de fato, sua mensagem é o núcleo central deste livro. Perissé esteve longos anos acamado devido a uma irreversível hemiplegia e nas numerosas visitas à clínica onde estava internado, um dos nossos temas recorrentes de conversação era a Antártida. Voltar a repassar essas histórias o reconectavam a um dos períodos mais felizes da sua vida.

O ponto culminante desses diálogos frutíferos foi que me comprometera ativamente na publicação do livro inédito de Perissé, que ele tanto desejava ver impresso. Se consegui o que pretendia, foi uma honra fazer seu prólogo e resultou ser o único livro sobre UFOs que merecidamente levou o selo editorial do Instituto de Publicaciones Navales que é subordinado ao Centro Naval de Buenos Aires.

Minha homenagem e reconhecimento estende-se aos amigos antárticos Jorge Hugo Stanich, meteorologista e Abel Aguirre, radiotelegrafista, que também me narraram seus avistamentos antes de partirem para o além. Guardo em minha lembrança e no meu coração seus emocionados relatos, seus comentários, sua simpatia. Também recordo com grande respeito e afeto a família do capitão Perissé, assim como as famílias de Stanich e de Aguirre, a quem estou eternamente agradecido.

Quero agradecer especialmente a todos os *amigos antárticos* que me relataram suas histórias pessoais, como Pablo Justo, radiotécnico na Base Decepción em 1965; Antonio Sedano, suboficial eletricista em Decepción em 1965; Adolfo Cabral, comandante da Decepción em 1965; Hugo Abraham, radiotelegrafista com dez invernos na Antártida; Francisco Burzi e Oscar Atienza, radiotelegrafistas na Base de Orcadas em 1961; Waldo Olivera, radiotelegrafista por diversos anos; Daniel Manzanares, maquinista em Decepción em 1965; Carlos Portaluppi, radiotelegrafista em Decepción em 1961; doutor Mario Hernando Soria, médico em Decepción em 1965. Também agradeço aos *invernantes ingleses* Peter Bird e Bernard Chappel, da Base B em 1965; a Ignácio Acuña Pantoja, comandante da Base Chilena Arturo Pratt em 1965; e ao coronel Mario Jahn Barrera, da Força Aérea Chilena (FACH), comandante da Base Presidente Aguirre Cerdá em 1965.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

Encontro de membros da turma de 1964-1965 do Destacamento Naval Decepción no dia 08 de dezembro de 2007, tendo o autor presente

Também agradeço pela colaboração, através de envio de importantes materiais, sugestões ou alguns conselhos pertinentes, a Diego Zuñiga, da Alemanha; ao doutor Andrés Salvador, do *Café Ufológico de Corrientes*, e a Mário Lupo, Mário Coen, Sebastián Araya, Javier Stagnaro, Juan Faillá e Roberto Martínez, com quem compartilhamos as reuniões do *Café Ufológico RIO54*, os amáveis encontros mensais que se realizam no Café de la Subasta de Buenos Aires. No ano 2010, com o amigo Mario Lupo, criei essas reuniões e nunca imaginamos que a ideia frutificaria ao ponto de ganhar cada vez mais participantes e incentivar a criação de outros cafés temáticos semelhantes em outras cidades, dando lugar à *Red Argentina de Cafés Ufológicos.* Também em Valencia, na Espanha, funciona um notável *Café UFO.*

Em especial agradeço ao pesquisador francês Gérard Lebat, quem em sua visita à Argentina no ano 2016 explicou detalhadamente como poderia ser criado um escritório oficial de pesquisas de UFOs, a partir

da experiência exemplificadora e estendida no tempo que foi o *Groupement d'Etude et desconto Information des Phénomènes Aérospatiaux Non Identifiés (Grupo de Estudos e Informações sobre Fenômenos Aeroespaciais Não Identificados, GEPAN)*, na França.

Finalmente, agradeço à minha esposa Gilda e meu filho Walter Damián por me apoiarem nessa tarefa apaixonante de pesquisar e escrever sobre os mistérios austrais, tarefa que demandou intermináveis horas de dedicação até alcançar os resultados que aqui são apresentados.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

Introdução

7 de julho de 1965: Já estão aqui e é oficial

"Você vai pensar que estou louco senhor, mas já se vão dois dias que venho vendo luzes estranhas no céu"

— Comentário do meteorologista civil **Jorge Stanich** ao comandante Daniel A. Perissé, em 15 de junho de 1965.

Passou-se meio século após um dia histórico. Já poucos se recordam que houve um dia, um dia preciso, em que a República Argentina reconheceu oficialmente a existência dos UFOs. Na manhã do dia 07 de julho de 1965, um comunicado da Secretaria da Marinha informava à população que haviam sido avistados objetos estranhos sobre várias bases antárticas e para maior certeza ressaltava que tinham características muito diferentes às de qualquer aparelho ou fenômeno aéreo conhecido. Nesse dia os discos voadores foram notícia de primeira página. Todos os jornais reproduziram o comunicado que reconhecia pela primeira vez e de maneira indubitável que esses misteriosos visitantes haviam sobrevoado a Antártida. A gazeta da Armada *[Marinha]* afirmava de maneira categórica a existência dos UFOs, com o que nosso país abria um precedente a nível mundial.

Nem bem circula a informação, a mídia publica editoriais sobre o assunto fazendo eco a uma suspeita que começou a crescer mais e mais,

depois de uma notícia tão contundente e definitiva — acreditava-se que os relatórios oficiais divulgavam somente uma parte da verdade, talvez o mais importante estava ainda por ser revelado, como se a informação estivesse sendo difundida gota a gota, de modo a preparar psicologicamente a população para evitar cenas de pânico. Assim o expressava claramente em sua primeira página, o jornal *La Razón* em sua quinta edição de 07 de julho de 1965:

> *"Resta ver agora — e os próximos meses ou talvez somente dias já o dirão — se os comunicados da Marinha Argentina e da Força Aérea Chilena respondem ao propósito de queimar etapas de um lento processo e confrontar 3.000 milhões de terráqueos com a evidência já inocultável de que estão em presença de visitantes chegados de outros mundos e de que já é hora de ir pensando em um plano coordenado para o contato e o controle da situação, a partir do intercâmbio da primeira mensagem".*

Muito bem disse o capitão de fragata Daniel Alberto Perissé, testemunha e investigador desses acontecimentos, que as observações antárticas *"foram o prelúdio de uma onda de informações sobre UFOs registrada na segunda metade do ano de 1965"*. A notícia desencadeou um formidável fenômeno de opinião pública — havia começado o *"pânico dos UFOs de julho"*, segundo palavras do invernante antártico britânico Peter Bird, uma versão austral do terror ocasionado pela transmissão de *A Guerra dos Mundos* realizada por Orson Welles, em 30 de outubro de 1938, episódio a partir do qual se constatou que *"a capacidade dos meios de comunicação para precipitar a conduta irracional das massas é considerável"*.

O presente trabalho compila fatos que comoveram o mundo, indagando na época, em seus protagonistas, nas fontes, nos documentos, nos relatos pessoais, nos antecedentes e nas consequências, pondo ênfase em documentar o que sucedeu, escutando todas as vozes antes de pretender provar alguma hipótese. A proposta é apresentar a informação reunida após uma intensa busca e mediante uma rigorosa confrontação de fontes, permitindo desenvolver todas as hipóteses explicativas — desde as

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

conservadoras até as mais audazes — e deixar que a sucessão dos fatos, pelo seu próprio peso, permita decantar as conclusões.

Começar a percorrer este caminho significa, antes de tudo, valorizar as contribuições do capitão de fragata Daniel Alberto Perissé que foi testemunha ocular, principal investigador e apaixonado divulgador dos fatos que viveu na Antártida, quando era comandante do Destacamento Naval Decepción, ou Base Decepción, em 1965. Como primeiro passo, imprescindível, impõe-se revisitar as sucessivas produções que publicou, nas quais ficaram impressas o seu enfoque sobre o assunto, assim como analisar a evolução de seu pensamento com o passar dos anos.

Em segundo lugar, realizou-se aqui uma exaustiva compilação e confrontação de fontes documentais, jornalísticas e testemunhais para nos aproximarmos o máximo possível à realidade dos acontecimentos apesar do tempo transcorrido. Intensas visitas a livrarias, revisão de arquivos, bibliotecas, hemerotecas e buscas na internet contribuem para complementar os relatos originais, somando informação, identificando contextos, multiplicando os pontos de vista e descartando por fim as versões errôneas e fantasiosas que se repetiram *ad infinitum* em numerosos artigos e livros, em alguns casos com a intenção de enfatizar a procedência extraterrestre dos fenômenos vistos e em outros para desacreditá-los e reduzi-los a explicações convencionais.

Uma das maiores conquistas do presente trabalho foi localizar diversos integrantes das delegações antárticas que invernaram em 1965 e nos anos seguintes, graças ao qual se faz possível — pela primeira vez em meio século — trazer à luz seus testemunhos diretos e conhecer suas opiniões pessoais sobre os fenômenos celestes que observaram no Continente Branco. Uma feliz consequência secundária desta busca foi voltar a conectar vários ex-invernantes antárticos que tinham perdido todo o contato com seus antigos camaradas durante décadas. E poder localizá-los significou então voltar a reuni-los, conseguir inesperados e emocionantes reencontros, nos que de imediato reviveram a fraternidade antártica que permanecia latente em seus corações.

Agradeço a enorme generosidade com que desde então me incorporaram nessa amizade, porque — tenho que o dizer de uma vez — os relatos mais enriquecedores que integram este livro não os

obtive dos autores em formais reportagens jornalísticas ou em entrevistas científicas, senão em longas tertúlias, resultantes de almoços compartilhados, churrascos, *mateadas* e viagens pelo país com os integrantes dessas delegações antárticas que invernaram meio século atrás. Nessas longas conversas grupais de sobremesas, entardeceres e jantares, as recordações de uns eram complementadas com as de outros. O debate em grupo esvazia e purifica as falsas lembranças individuais, que sempre existem sobre algum tema pontual especialmente se foi conflitante e se obtém por fim um relatório muito mais sólido, enriquecido e complexo do que se entrevistasse as mesmas pessoas de maneira isolada, individual, com métodos formais.

Todos temos naturalmente nossas próprias lacunas de memória, mas os esquecimentos de cada um são diferentes dos outros e a complementação de relatos consegue reconstruir a história compartilhada, com ganhos na veracidade e nos detalhes. Meu profundo e enternecedor agradecimento a todos eles que também me contaram relatos de todo tipo e em quantidade suficiente para escrever outro livro sobre as suas demais vivências no Continente Branco e são um conjunto de histórias tão extraordinárias que se poderia escrever um grosso volume, muito mais interessante que este, em minha humilde opinião. Alguns desses relatos apaixonantes que nada tem a ver com UFOs já foram difundidos em publicações e em sites especializados.

Outra fonte de informação valiosa para o presente trabalho foram os documentos desclassificados por governos de diversos países — inclusive encontramos documentação militar argentina, enviada naquela época para informar o Governo dos Estados Unidos, no âmbito de convênios bilaterais que apareceram desclassificados no país do norte e que nunca se tornou pública em nosso país.

Este livro desde seu próprio título relaciona dois assuntos que são misteriosos em si mesmos. Em princípio a Antártida, o mais desconhecido de todos os continentes e por outro lado o tema UFO que é um mistério contemporâneo por si só e que nunca foram devidamente esclarecidos, não obstante os esforços de muitos investigadores que abordaram o tema com enfoques diferentes.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

O dicionário e os UFOs

Todos temos uma ideia geral a respeito do que significa a palavra UFO em nosso vocabulário, mas perante a necessidade de tornar as definições precisas, recorremos ao dicionário da Real Academia Espanhola que incorporou a palavra óvni, OVNI ou UFO, seguramente pela força de ser usual na linguagem popular: *"Óvni. Acrônimo de objeto voador não identificado (cópia do acrônimo inglês unidentified flying object, UFO). 1. m. Objeto que em ocasiões é considerado, segundo a Ufologia, como uma nave espacial de procedência extraterrestre"*.

A única definição que está certa é a tradução do acrônimo, tudo o mais é de se lamentar. Seu primeiro defeito é a imprecisão. Parece impróprio de um dicionário, e até absurdo, apresentar um substantivo com a expressão *"em ocasiões se considera"*, isso não define nada e seria como dizer *"denomina-se celeste a uma cor que 'em ocasiões se considera' mais clara que o azul"*. Além disso, concede aos UFOs uma única interpretação: *"Nave espacial de procedência extraterrestre"*. Esta, na prática, é a hipótese mais utilizada, mas a rigor é uma a mais entre numerosas outras hipóteses: armas secretas, fenômenos meteorológicos ou astronômicos pouco conhecidos, fenômenos psicossociais, artefatos aeroespaciais terrestres, fenômenos parapsicológicos, manipulações informativas etc.

Existe também uma tautologia de neologismos. Sendo a palavra UFO nova no dicionário, remete a outra recém-estreada, *Ufologia,* o que obriga à sua consulta: *"Ufologia (do inglês Ufology). 1. f. Simulacro de investigação científica baseada na crença de que certos objetos voadores não identificados são naves espaciais de procedência extraterrestre"*. Em sentido restrito à desinência *logia* deriva do grego *logos* antes, muito antes, do que o inglês *logy*. Assim mesmo não é apropriado, uma vez que desqualificaria a expressão *"simulacro de investigação científica"*, quando o objetivo de um dicionário é dar definições precisas e não aplicar adjetivos pejorativos.

E é especialmente imprópria porque *"simulacro de investigação científica"* tem um significado acadêmico muito diferente: no âmbito universitário se denomina *"simulacro de investigação científica"* ao exercício de apresentar um problema científico para que os estudantes

o resolvam, no qual se lhes apresentam dados prefixados sobre os quais devem realizar uma tarefa de pesquisa com uma metodologia previamente estruturada a respeito de um problema, cujos resultados são conhecidos com antecedência pelo professor, a fim de avaliar a capacidade dos estudantes em alcançar tais resultados. Portanto, quaisquer métodos que utilizem na Ufologia, bom, mal ou péssimo, nada tem a ver com um *"simulacro de investigação científica"*.

Em conclusão, as definições de *ÓVNI* e *Ufologia* dadas pelo dicionário da Real Academia Espanhola são expressão de uma interpretação tendenciosa e, falando mal e rapidamente, constituem uma verdadeira burrice. O exemplo serve de teste controle para conjecturar quantos outros termos haverá tendenciosamente definidos em um dicionário que se supõe ser a base e o resguardo do idioma que falamos. Longe de uma posição objetiva, a Real Academia Espanhola apresenta uma visão tosca e banal do que se pode entender por UFO e Ufologia, mantida sob o estereótipo psicossocial que associa tudo que tenha a ver com UFOs com as visitas extraterrestres.

UFOs, discos voadores e marcianos

A palavra UFO exemplifica com excelência a noção de *estereótipo* criada por Walter Lippmann em 1922. Ficou atrás na memória coletiva o sentido original da sigla relativa a *"não identificação"* e a simples menção da palavra UFO faz visualizar mentalmente um objeto com forma de prato de sopa invertido, ou dois pratos unidos pelas bordas, aspecto que se supõe adequado a uma nave extraterrestre. Não deixa de assombrar que essa imagem mental seja compartilhada de modo absoluto em escala mundial: UFO como sinônimo de *disco voador* é um estereótipo universal a que se remetem, mesmo que não o verbalizem de forma explícita — crentes e detratores, cientistas e leigos, em todos os países, em todos os idiomas. F. H. Allport descreveu a denominada *"ilusão de universalidade"*, a convicção de que todo mundo crê ou faz o mesmo, que *"aumenta a intensidade do pensamento e a ação do indivíduo. A identificação e a veneração desempenham um papel importante"*.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

O frio, longínquo, desolado e quase inacessível Continente Branco, onde ocorre grande incidência de avistamentos de luzes e objetos misteriosos

As ciências físicas, como a física, a astronomia e outras, podem ser refratárias a admitir a existência destes objetos, mas os UFOs bem podem ser considerados uma *realidade* em sentido amplo, como uma construção social, *"qualidade própria dos fenômenos que reconhecemos como independentes de nossa própria vontade"*, segundo Berger e Luckmann, definição construtivista aplicável de modo literal e ao mesmo tempo paradoxal aos UFOs, aos quais se atribuem responder a uma vontade explicitamente alheia, externa ao próprio planeta. De igual maneira, os mesmos autores descrevem o *conhecimento* como *"a certeza de que os fenômenos são reais e de que possuem características específicas. Uma vez que um bom número de pessoas toma consciência de que a questão tem ou pode ter um interesse público geral, começa a operar a facilitação social, especialmente através da sugestão e imitação"*.

É inegável, pelos fatos, a existência de reiterados relatos sobre observações de estranhos fenômenos no céu, os quais se vinculam de

modo intrínseco com o surgimento de um mito contemporâneo, que como tal é difícil de analisar com suficiente perspectiva, ainda que o semiólogo Ronald Barthes descrevesse sua gênese na Guerra Fria com interessantes figuras literárias:

> *"Se o disco, de artefato soviético se tornou tão facilmente artefato marciano, é porque em realidade, a mitologia ocidental atribui ao mundo comunista as diferenças de um planeta: a URSS é um mundo intermédio entre a Terra e Marte. Só que em seu devir, o maravilhoso mudou de sentido, passou-se do mito do combate ao do juízo. Efetivamente, Marte, até nova ordem, é imparcial. Marte se coloca em Terra para julgar a Terra, mas antes de a condenar, Marte quer observar, entender. A grande disputa de URSS e Estados Unidos sente-se, daí em diante, como uma culpa e o perigo não é proporcional à razão. Então recorre--se miticamente a um olhar para o céu, bastante poderoso para intimidar ambas as partes".*
>
> *"Os analistas do futuro poderão explicar os elementos figurativos dessa potência, as questões oníricas que a compõem: a circularidade do artefato, a suavidade de seu metal, esse estado superlativo do mundo representado por uma matéria sem costura; ao contrário, compreendemos melhor tudo que de dentro do nosso campo perceptivo participa do tema do Mal: os ângulos, os planos irregulares, o ruído, a descontinuidade das superfícies. Tudo isso já tem sido minuciosamente abordado nos romances de ficção científica, cujas descrições foram retomadas literalmente pela psicose marciana".*

A palavra UFO teve um percurso etimológico que merece ser salientado. Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns pilotos aliados denunciaram que seus aviões foram perseguidos por luzes ou bolas de fogo que se denominaram *foo fighters*. Logo depois, em 1947, a célebre observação do piloto civil Kenneth Arnold de nove objetos sobre o Monte Rainier, no estado de Washington, Estados Unidos, originou a popular expressão *flying saucers,* ou discos voadores em português.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO

Ante a necessidade de uma expressão mais técnica, o capitão Edward J. Ruppelt, primeiro diretor do Projeto Livro Azul, adotou para a posteridade a sigla UFO, de *unidentified flying object*, traduzida como OVNI em nossa língua. A primeira obsessão dos militares norte-americanos comissionados no pós-guerra para investigar esses objetos foi indagar se existiam atitudes hostis ou que pudessem se tratar de armas secretas inimigas, hipóteses que logo nas primeiras investigações foram oficialmente descartadas. Sem dúvida, a hipótese da arma secreta coexistiu longo tempo com a das visitas de extraterrestres, ainda que esta última sempre tenha tido mais popularidade.

A proliferação de avistamentos reportados em diversas parte do mundo havia propagado uma crença difusa em aparições esporádicas de visitantes estelares, coincidentemente com o desenvolvimento dos primeiros programas astronáuticos da Rússia e Estados Unidos. *"Se o homem viajasse ao espaço era de se esperar que outros viessem a visitar a Terra"*, em um tipo de projeção psicológica dos desejos coletivos da modernidade. A observação é a que expressava o piloto civil Ariel Ciro Rietti, cofundador com Cristian Vogt do primeiro grupo de investigação de UFOs argentino, denominado *Comissão Observadora de Óvnis (Codovni).*

Entretanto, pioneiros da Ufologia como o major reformado Donald Keyhoe, dos Estados Unidos, o grande pensador francês Aimé Michel ou o prolífico investigador catalão Antonio Ribera dedicavam-se a compilar avistamentos em busca de uma ordem no caos — teria que haver uma lógica. Essa sucessão de relatos mundiais devia ter um sentido. Pensava-se em um plano sistemático de exploração da Terra aparentemente sem motivos hostis, ainda que parecesse responder à estratégia de uma revelação de tipo militar por etapas, um rastreamento gradual e sistemático do globo que um dia culminaria na apresentação formal dos visitantes aos governos. Por muito inocente que pareça hoje semelhante proposta, esse pensamento ganhava força na opinião pública dos anos 50 e 60, quando aconteceram as observações antárticas que se relatarão.

Eram tempos de Guerra Fria, com seus telefones vermelhos e seus botões nucleares, as pessoas levantavam o olhar para o alto com a esperança de um futuro de paz, porém também se projetavam escuras ameaças nesse

firmamento. *"Dizei ao mundo, onde quer que estejais. Vigiai o céu, não o descuideis, continuai vigiando o céu!"*, expressava a frase lapidar em mensagem final do filme de ficção científica *A Coisa [1951]*.

O mito extraterrestre ainda não havia ganho o vasto território que ocupa hoje como crença global — muitas pessoas evitavam falar destes assuntos por temor à desconsideração e às zombarias e, se faziam alguma observação estranha no céu, era provável que essa história não saísse de seu círculo mais íntimo. Claro que alguns entusiastas do mistério podiam estimular sua imaginação lendo, por exemplo, *O Despertar dos Mágicos,* um revolucionário volume brilhantemente escrito por Louis Pauwels e Jaques Bergier. Outros percorriam mapas para estabelecer correlações lineares entre os avistamentos, denominadas *ortotenias* pelo perspicaz Aimé Michel. E ninguém poderia deixar de se sentir impressionado ante a vasta coleção de observações militares documentadas uma após outra nos livros de Keyhoe. Mas somente um pequeno grupo de iniciados tinha acesso a essa literatura marginal, escassa e incipiente. O grosso da população, a opinião pública, permanecia permeável aos critérios massivos que circulavam na imprensa.

Nessa época e em meio a esse clima ocorreram os avistamentos antárticos que serão apresentados aqui. Este livro não se propõe provar que os UFOs existem. Este livro não se propõe provar que os UFOs não existem. Este livro propõe-se provar que a pesquisa dos UFOs existe, sendo principalmente uma pesquisa de tipo jornalística — baseada na priorização racional de fontes — e em menor medida envolve técnicas de investigação científica, em ambos os casos aplicando critérios abertos a múltiplas abordagens metodológicas.

© 2016 Coleção Biblioteca UFO